

ABORDAGEM QUALITATIVA NA PESQUISA EDUCACIONAL: UM RELATO SOBRE AS PRODUÇÕES NO TRIÂNGULO MINEIRO*

Sueli Teresinha de Abreu Bernardes,
Fernanda Telles Márques,
Gustavo Araújo Batista,
da Universidade de Uberaba.

RESUMO: Este artigo faz parte das atividades de pesquisa da produção acadêmica sobre o professor, desenvolvidas pela REDECENTRO. Seu objetivo é demonstrar os tipos e os procedimentos de pesquisa das dissertações defendidas no período 2006-2007 nos Programas de Pós-Graduação em Educação de duas universidades do Triângulo Mineiro. Restringindo-se a discorrer sobre as pesquisas de abordagem qualitativa, buscou-se o aporte teórico de autores, tais como Chizzotti (1998; 2006), Weber (1982), Martins (1994) e Brandão (2003). Foram utilizadas fichas de análise com o intuito de averiguar quais os tipos e os procedimentos de pesquisa que predominaram no período em questão. Os resultados apontam a predominância da pesquisa de abordagem qualitativa no período selecionado e a convergência de referenciais teórico-metodológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Pesquisa educacional. Abordagem qualitativa. Estudo interinstitucional.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende dar continuidade às discussões sobre o estudo do estado da arte das produções acadêmicas sobre o professor, as quais vêm sendo desenvolvidas pelos integrantes da Rede de Pesquisadores(as) sobre Professores(as) no Centro-Oeste – REDECENTRO. Resultados de etapas anteriores, elaboradas pela equipe do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, assim como dos demais grupos,

* Artigo recebido em 5/6/2012 e aprovado em 17/9/2012.

foram divulgados em eventos nacionais e internacionais e publicados em artigos e livros, como é possível ler em Abreu-Bernardes et al. (2010, 2011) e Magalhães, Souza e Guimarães (2009), dentre outros.

No momento atual, a partir de reflexões teórico-conceituais sobre as abordagens de investigação, foi realizado um levantamento acerca dos métodos, tipos e procedimentos de pesquisa, reconhecidos como de abordagem qualitativa, nas dissertações defendidas na área de educação em duas universidades do Triângulo Mineiro, no período de 2006-2007. Essas instituições integram a REDECENTRO por pertencerem à divisão acadêmica Centro-Oeste, definida pelo Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, apesar de que, na divisão geopolítica brasileira, agreguem-se, como espaço mineiro, à Região Sudeste.

Trata-se, portanto, de um recorte do projeto “guarda-chuva” que abrange o Centro-Oeste e tem por objetivo identificar e analisar processos de investigação, apresentados como qualitativos e quali-quantitativos, e constatar tendências. Posteriormente, essa pesquisa será estendida aos outros programas dessa região.

Para a realização deste estudo, após a leitura integral das dissertações, todas as produções com foco no professor – abordando a temática formação, a prática docente ou a profissionalização – foram analisadas e discutidas. O instrumento utilizado foi uma ficha de análise criada pelos participantes da REDECENTRO, na qual os dados foram registrados, constituindo-se objeto de análise e discussão.

A ABORDAGEM QUALITATIVA

Nas produções sobre o professor na região Centro-Oeste, referentes ao período em estudo, foi encontrada, predominantemente, a abordagem qualitativa.

É comum o entendimento de que a pesquisa feita por abordagem qualitativa tenha surgido nas décadas de 1960 e 1970, em resposta às limitações representadas pela adoção de um enfoque positivista na produção do conhecimento em ciências humanas e sociais. Trata-se, entretanto, de uma leitura superficial que permite que a popularização da abordagem seja confundida com o momento de seu surgimento.

Investigando abordagens de pesquisa também por uma perspectiva histórica, Antonio Chizzotti constata, na obra *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais* (2006), que as primeiras manifestações daquilo que mais tarde identificaríamos como qualitativo se fizeram presentes ainda ao final do século XIX, com o advento da sociologia e da antropologia.

Disposto a traçar um percurso histórico do desenvolvimento dessa forma de conceber o pesquisar, o autor identifica, no período que compreende o final do século XIX aos dias atuais, cinco marcos que nos permitem constatar tensões, contradições e continuidades envolvidas no desenvolvimento da abordagem qualitativa.

O primeiro marco, identificado com as décadas finais do século XIX, é caracterizado pelas emergentes ciências sociais, quando, de seu interior, surgem autores que questionam o entendimento de que o método científico deve ser o mesmo válido para as ciências da natureza, ou que, simplesmente, saem em busca de outras formas de fazer pesquisa, mais adequadas à natureza de seu objeto.

Essa busca e seus resultados podem ser observados em diversos trabalhos da época, com diferentes características. Entre eles, estão estudos produzidos no âmbito da sociologia compreensiva, cujo principal expoente foi o alemão Max Weber, mas também situações relacionadas à sociologia positiva, desenvolvida a partir do positivismo proposto por Auguste Comte em meados do século XIX.

Derivado do cientificismo, o positivismo comteano é, adequadamente, associado à abordagem quantitativa, sendo essa uma perspectiva que reconhece que o mundo social e o físico diferem em sua essência, mas que defende que a cientificidade só pode ser “garantida” por meio da neutralidade e da objetividade.

Não obstante esse entendimento, ao apresentar a tese de que o espírito humano, assim como as ciências e os povos passariam por três estágios de desenvolvimento intelectual e moral (teológico, metafísico e positivo), Auguste Comte faz da extensa obra *Curso de Filosofia Positiva* (publicada entre 1830 e 1842) também um marco para o desenvolvimento de um método comparativo, fundamentado na observação e na descrição de situações observadas.

O método proposto por Comte em nada se assemelha à “comparação controlada” que, mais tarde, seria apresentada por Franz Boas; contudo, já exigia do pesquisador um esforço descritivo de situações sociais observadas, pois

propõe estabelecer uma classificação diacrônica de três estágios [...] descrevendo os elementos e as características de cada estágio, elencando os elementos constitutivos, definindo as categorias de transição progressiva do mundo primitivo para o mundo desenvolvido. (CHIZZOTTI, 2006, p. 49-50)

Diferente do positivismo e de sua adesão a um paradigma hipotético-dedutivo, o desenvolvimento da sociologia compreensiva está intensamente

relacionado ao marco inicial da abordagem qualitativa, o que transparece nos procedimentos adotados para a coleta dos dados, assim como na forma como é caracterizado o objeto sociológico.

Influenciado pelo idealismo kantiano e pelo historicismo alemão de Dilthey, Weber desenvolveu sua concepção de “ciência da cultura” em resposta às concepções positivistas defendidas por autores como Emile Durkheim (2007, p. 25), para quem o social deveria ser tratado cientificamente “como coisa”, ou seja, como fenômeno externo aos indivíduos, independente da consciência humana e, portanto, passível de total distanciamento por parte do cientista.

Discordando frontalmente dessa premissa, Weber pondera que até mesmo a escolha por um determinado assunto ou situação a ser investigado se deve às prenoções do pesquisador, que, como membro de uma sociedade, só buscará compreender elementos da realidade cujo estudo de fato lhe pareça fazer sentido.

Isso não significa, entretanto, que o autor não revele preocupação com a reputação científica da sociologia, tal como outros homens de seu tempo. Para ele, se as preocupações sociais do pesquisador podem chamar sua atenção para determinadas situações sociais – ressignificando-as como interessantes objetos de estudo –, uma vez iniciada a pesquisa, cabe ao profissional deixar de lado suas crenças e ideias pessoais, como forma de garantir o bom desenvolvimento do trabalho científico.

Em *A objetividade do conhecimento na ciência política e na ciência social*, publicado em 1904, Weber argumenta que o que confere cientificidade a uma explicação não é a objetividade pura dos fatos (como quer Durkheim), mas, sim, o adequado emprego do método de reflexão.

Não existe qualquer análise científica puramente “objetiva” da vida cultural, ou dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa. (WEBER, 1982, p.87)

Essas discussões sobre objetividade e neutralidade científica em ciências humanas e sociais atravessam os cinco marcos identificados por Chizzotti e chegam até os dias atuais.

Na primeira metade do século XX, entretanto, com a profissionalização da ciência e as conquistas de precursores, como Max Weber, a abordagem qualitativa dá um salto significativo, que também está relacionado ao

reconhecimento de que a história, a sociologia, a antropologia, a educação são campos de investigação científica (Chizzotti, 2006).

O segundo marco está, assim, relacionado ao reconhecimento desses novos campos. Calcado na pesquisa etnográfica, em que o pesquisador é também um sujeito da pesquisa – a quem cabe deslocar-se até o ambiente onde se manifesta a situação analisada e nele imergir para, depois, descrever fatos observados e relações estabelecidas –, é nesse marco que a descrição minuciosa alia-se ao entendimento de que é preciso “dar voz” ao “outro”, mas garantindo que essa fala não seja confundida com as interpretações do pesquisador.

No clássico *Argonautas do Pacífico Ocidental*, publicado pela primeira vez em 1921, o antropólogo Bronislaw Malinowski – que bem representa esse momento da produção científica ancorada na abordagem qualitativa – pondera que, se a honestidade e a clareza ao comunicar fontes e procedimentos de uma pesquisa são posturas esperadas em qualquer campo do conhecimento, no caso da pesquisa qualitativa, sobretudo na de tipo etnográfico, essas seriam as bases sobre as quais se erguem importantes critérios de cientificidade.

Um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica. (MALINOWSKI, 1978, p. 18)

É inquestionável a importância da descrição para essa abordagem de pesquisa, assim como é perceptível o quanto o processo de observar para descrever tem sido ainda pouco discutido na formação do pesquisador.

No artigo *A pesquisa qualitativa*, de 1994, Joel Martins reforça que, não obstante os cientistas naturais trabalhem, necessariamente, com descrições, nas ciências humanas e sociais, esse procedimento será bem mais complexo, exigindo do pesquisador todo o cuidado para não se permitir influenciar por idealizações e imaginações a respeito daquilo que está sendo descrito.

A antropologia funcionalista de Malinowski, assim como a versão culturalista desenvolvida por Franz Boas, e a sociologia da Escola de Chicago estão entre as vertentes que se desenvolveram fazendo largo uso da descrição na análise e na apresentação dos dados coletados.

Outro elemento comum às produções que contribuíram para esse segundo marco da pesquisa qualitativa é a postura em relação aos sujeitos e seu meio, caracterizada pela defesa relativista de que o conhecimento de

uma determinada cultura deve se dar a partir dela mesma, e não se tomando como referência a cultura de quem propõe e desenvolve a pesquisa.

Essa postura, elaborada em oposição ao etnocentrismo imputado a vertentes precursoras da antropologia cultural e social (como o evolucionismo cultural), faz da observação participante e da comparação controlada dois importantes recursos metodológicos, hoje usuais em diversas áreas, entre elas a educação.

Abarcando um período entre o pós 2ª Guerra Mundial e os anos de 1970, o terceiro marco é considerado por Chizzotti (2006) como o apogeu da pesquisa qualitativa, o que não pode ser entendido como um momento ausente de tensões e mesmo de grandes embates.

Na realidade, com a adesão de um número cada vez maior de pesquisadores a essa abordagem, o debate qualitativo *versus* quantitativo acabou sendo oportuno para revigorar a contestação de um modelo único e convencional de pesquisa, no qual a ênfase recaía sobre o produto final, desconsiderando-se, assim, processo e sujeitos. A problematização e a revisão de categorias, como objetividade, neutralidade, validade, fidedignidade, fizeram parte dessa fase de reflexão, expansão e visibilidade dos estudos qualitativos.

Com a expansão de recursos destinados à pesquisa científica, a ampliação de investimentos públicos e privados e a formação de centros de pesquisa, entre as décadas de 1970 e 1980, configura-se o quarto marco que se caracteriza pela riqueza do debate teórico, por reflexões sobre as contribuições da pesquisa para a política, pela interdisciplinaridade e pelo esforço transdisciplinar. Em síntese, pela formulação de novos paradigmas.

Novos temas e problemas, originários de classe, gênero, etnia, raça, culturas, trazem novas questões teóricas e metodologias aos estudos qualitativos. Uma confluência de tendências, disciplinas científicas, processos analíticos, métodos e estratégias aportam à pesquisa qualitativa criando um campo amplo de debates sobre o estatuto da pesquisa. (CHIZZOTTI, 2006, p. 54)

Como demonstra Rita Amélia Teixeira Vilela, no artigo *O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais* (2003), em um contexto no qual a receptividade das agências de fomento às pesquisas qualitativas é aumentada, a tendência é que também se amplie o número de professores atuantes, nos cursos de graduação e de pós-graduação, comprometidos com essa abordagem e, tal como em uma reação em cadeia, cresçam os números de trabalhos apresentados em

eventos, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, elaborados em consonância com as diversas possibilidades da abordagem qualitativa.

O quinto marco é identificado, por Chizzotti (2006), com a passagem para os anos 90 e com todas as transições que isso significou para a sociedade ocidental capitalista, em termos de organização política e de reconfiguração socioeconômica e cultural.

Profundamente marcado por essa realidade social, o pesquisador verá a “onipotência descritiva” do seu texto sendo colocada em questão, considerando-se que “[...] o texto não escapa a uma posição no contexto político, e a objetividade está delimitada pelo comprometimento do sujeito com a realidade circundante” (CHIZZOTTI, 2006, p.56). Tal como asseverado por Martins (1994), uma descrição que se queira oportuna à pesquisa não pode realizar-se na subestrutura do que está sendo descrito e, tão pouco, misturar-se a expectativas do pesquisador a respeito do objeto constituído.

Como se observa, a transição de um marco situado historicamente para outro envolve questionamentos, rupturas e também continuidades.

Questionados sobre o que hoje caracterizaria a abordagem qualitativa, diversos autores contribuem para o entendimento comum de que suas características centrais são: o ambiente natural como fonte direta de dados; o pesquisador como principal instrumento de coleta de dados; a observação e o esforço descritivo; a preocupação com o processo e não apenas com o produto; a busca do significado das situações para os sujeitos; o enfoque indutivo na análise dos dados, como é possível apreender em obras de Chizzotti (2006), Lüdke e André (1986), Minayo (2006), Bicudo e Espósito (1997), dentre outros.

Em *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (2003) argumenta que o enfoque qualitativo, mais que um método, é um “estilo de relacionamentos” que tem como um de seus mais belos fundamentos a

convicção de que nós próprios, pessoas humanas, sujeitos interativos de uma pesquisa, situados de um lado e de outro do gravador na hora de uma entrevista, somos confiáveis. Podemos confiar em nossa *personalidade na pesquisa*. Podemos confiar em nossos saberes e valores, em nosso sentimento e em nosso modo de ser e de *sentir e pensar*, desde que intencionalmente sinceros e teórico-metodológicos (mas sem muita complicação hermenêutica). E preparados para nos relacionar com o outro “na pesquisa”. Para interagir de maneira ao mesmo tempo pessoal e objetiva com pessoas, com famílias e com outros grupos humanos em uma comunidade local de sujeitos sociais, de sentidos, de símbolos, de sentimentos, de significados e de sociabilidades (os “setes esses” da vida cotidiana). (BRANDÃO, 2003, p. 186)

Recuperando a ideia de Malinowski, para quem não basta ao pesquisador observar e fazer o registro do cotidiano observado, sendo preciso fazê-lo a partir da perspectiva do “outro” (o que exige capacidade de escuta e interesse por uma história que não seja a da sua própria cultura), quando optamos pelo caminho do imponderável, em detrimento da aparente segurança do quantificável, o fazemos também porque, como ensina Brandão (2003), a abordagem qualitativa tem o mérito de favorecer a recuperação da confiança em nós mesmos enquanto pessoas humanas.

OS RESULTADOS DO TRIÂNGULO MINEIRO

Partiu-se da afirmação dos próprios pesquisadores para a identificação de seus estudos como qualitativos ou quali-quantitativos, sem que os autores deste artigo interferissem nesse reconhecimento. O primeiro dado que se sobressaiu foi o número de dissertações elaboradas com a abordagem qualitativa: apenas uma é de abordagem quantitativa, como é demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Abordagem das pesquisas sobre o professor no Triângulo Mineiro, 2006-2007.

Abordagem do trabalho	UNIUBE	UFU	Subtotal
Qualitativa	12	23	35
Quantitativa	1	—	1
Quali-quantitativa	2	4	6
Outra (qual)	—	—	—
Total	15	27	42

Fonte: Banco de dados da REDECENTRO, 2012.

Essa opção por estudos qualitativos é justificada em argumentos como:

[...] a complexidade não está no objeto, mas no olhar que o pesquisador se utiliza para estudar seu objeto, na maneira como ele aborda os fenômenos. As contradições podem ser explicadas por meio do diálogo do pesquisador com os dados, na procura pelo que está implícito nas práticas educativas. Desse modo, uma vez que, na pesquisa qualitativa, não produzimos verdades, mas sim, interpretações, [...] o estudo não se esgota ao término da pesquisa, ele sinaliza com outras possibilidades de investigação em análises e interpretações construídas pelo pesquisador. (D23, 91-92)

Observa-se que esse pesquisador salienta o papel do investigador na relação com o seu objeto ou sujeito de pesquisa e, ainda, a dimensão interpretativa. Esses aspectos são ressaltados nas 41 produções analisadas. Além desses, outros motivos são elencados, com a ênfase na compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos em seu contexto (D01, p. 84); no significado atribuído pelos atores sociais a suas experiências de vida (D03, p. 83); na vivência do processo, mais do que no produto (D05, p. 37).

Na acepção de Chizzotti, a pesquisa qualitativa permite “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Isso porque “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” Chizzotti (1998, p. 83).

E como esse processo investigativo se concretiza? Quais os tipos, procedimentos e instrumentos de pesquisa predominam nos estudos qualitativos?

A Tabela 2 explicita a escolha da tipologia de estudos pelos triangulinos.

Tabela 2 - Tipos de pesquisa em estudos qualitativos no Triângulo Mineiro, 2006-2007.

Tipos de pesquisa	UNIUBE	UFU	TOTAL
Estudos do tipo etnográficos	—	6	6
Estudo de caso	11	2	13
Pesquisa ação	2	1	3
Pesquisa documental	3	3	6
Survey	—	2	2
Pesquisa participante	—	—	—
Pesquisa experimental	—	—	—
História oral	1	7	8
Pesquisa histórica	—	1	1
Outras: colaborativas representações sociais	1	1	2

Fonte: Banco de dados da REDECENTRO, 2012.

Enquanto na UNIUBE predominam os estudos de caso, na UFU, os estudos do tipo etnográfico e as pesquisas de história oral prevalecem. Na

UFU, esse fato pode ser decorrente de estudos históricos bastante arraigados na instituição, onde existe implantada, há muito, uma linha de pesquisa em História e historiografia da educação, com pesquisadores e historiadores de reconhecimento internacional e com maior influência das temáticas da área de Ciências Sociais.

Nas investigações por meio da história oral, predominaram a utilização de narrativas feitas pelo uso de meios eletrônicos (gravação em áudio e/ou vídeo), destinadas a recolher testemunhos de pessoas que presenciaram fatos, participaram ou participaram de situações ou experiências que possam retratar acontecimentos em pauta. Buscou-se dar voz aos sujeitos e conhecer aspectos da vida dos depoentes, suas representações, percepções, ideias e significados. Segundo uma autora, é fundamental, no trabalho com histórias de vida, que desenvolvamos o relato livre que a pessoa constrói de sua própria história, pois a lógica com que apresenta esse depoimento define os significantes de sua vida (D011, p. 137). O interesse demonstrado foi construir ou reconstituir uma história individual, uma biografia, uma trajetória específica, mesmo que seja de grupos, com o pesquisador interferindo o mínimo possível nos relatos. Em outras circunstâncias, o pesquisador procurou, por meio de observações e depoimentos, recolher os pontos de vista dos sujeitos a respeito das tradições e sentidos, enfatizando aquilo que é compartilhado pelo e no grupo.

A escolha pelo estudo de caso na UNIUBE parece ser mais decorrente de opções pessoais dos mestrandos que decidem investigar o próprio local de trabalho, buscando respostas às angústias oriundas de sua prática.

Quanto aos procedimentos, como se vê na Tabela 03, há uma grande variedade, com predomínio dos recursos tradicionais: entrevista, análise de documentos e seguidos de questionário e observação. Além dos procedimentos apresentados na ficha de análise, nota-se que vários outros foram citados, destacando-se os que utilizam algum recurso audiovisual.

Apesar da grande influência da mídia eletrônica na comunicação entre os estudantes e pesquisadores, em tipos de pesquisa e procedimentos, observou-se ausência do uso da internet incorporada à metodologia de pesquisa nos estudos bibliográficos, exceto para a busca de textos.

Os recursos audiovisuais, no entanto, surgem como tendência instrumental entre os procedimentos, indicando que as facilidades da tecnologia – presentes em celulares, *tablets* e *smartphones*, dentre outros – oportunizam a maior recorrência a filmagens, fotografias e gravações.

O uso de mais de um procedimento também ocorre em todas as pesquisas; apenas uma recorreu somente ao questionário. Tal fato vai ao

encontro das reflexões sobre a abordagem qualitativa, cuja consistência pode ser checada por meio de exame detalhado do referencial teórico e comparando-se os achados ou observações com aqueles da literatura. Outra maneira é empregar procedimentos diferentes de coleta dos mesmos dados e confrontar os resultados.

Tabela 3 – Procedimentos de pesquisa em estudos qualitativos no Triângulo Mineiro, 2006-2007

Procedimentos de pesquisa	UNIUBE	UFU	Total
Entrevista estruturada	3	1	4
Questionário	7	11	18
Entrevista semiestruturada	7	21	28
Narrativas	2	7	9
Observação	6	8	14
Observação participante	2	4	6
Análise de documentos	7	13	20
História de vida	—	—	—
Análise cultural	—	—	—
Relatórios	3	1	4
Grupo focal	—	—	—
Análise de conteúdo	3	2	5
Mapeamentos conceituais	—	—	—
Análise de fotografia	2	3	5
Outros: análise de filmagens, análise de gravações, discussões coletivas, avaliação, videogravação, diários de campo e estudos bibliográficos	5	4	9

Fonte: Banco de dados da REDECENTRO, 2012.

Em relação ao referencial teórico-metodológico, observou-se um dado peculiar: a autora mais citada e que fundamenta a análise dos dados qualitativos na UNIUBE é M. C. de Minayo, com sua obra *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde* (2006). Essa escritora tem origem na área da saúde, mas dedica-se ao estudo da metodologia da pesquisa, inclusive em educação. A problemática desse livro é discutir as

metodologias qualitativas, “entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (MINAYO, 2006, p. 22-23).

As educadoras que têm, igualmente, citação de destaque nas duas instituições são M. Lüdke e M. André. Elas enfocam a pesquisa qualitativa em sua prática e em sua produção e têm um conjunto significativo de obras nessa área. No caso dessas autoras, o livro mais citado é *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (1986). Nele, as autoras escrevem um breve histórico da pesquisa em educação e explicitam os passos de uma investigação com abordagem qualitativa. Debatem a entrevista, a análise documental, a observação, além dos estudos do tipo etnográfico e o estudo de caso.

Ainda são referências nos aspectos metodológicos na UNIUBE: R. Bogdan e S. Biklen, A. Triviños, A. Chizzotti, L. Bardin, P. Thompson e B. Gatti, todos autores contemporâneos e teóricos da pesquisa qualitativa.

Na UFU, Gonzáles Rey, com *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios* (2002) e R. C. Bogdan e S. K. Biklen, com *Investigação qualitativa em educação* (1994), são os autores mais citados como referencial metodológico, além de M. Lüdke e M. André.

No livro de Gonzáles Rey, há uma discussão sobre os pressupostos epistemológicos da abordagem em questão, além de explicações sobre o processo de pesquisa, o trabalho de campo e a legitimação do conhecimento em estudos qualitativos.

R. Bogdan e S. Biklen apresentam, na obra citada, como pesquisar na abordagem qualitativa, os passos de investigação, iniciando pelos fundamentos de estudos dessa natureza, discutindo a elaboração do plano de estudos, a pesquisa de campo e a utilização de instrumentos. Observa-se que esse livro atenderia indagações dos mestrandos sobre o como fazer, *pari passu*.

As representações, que aparecem como tendência de pesquisa, apoiam-se em S. Moscovici, no livro clássico dessa área – *Representações sociais: investigações em Psicologia Social* (2003) – em que são tratados temas como o processo social do conhecimento, a definição de sociedade e a discussão em torno das representações sociais. Na escrita, identifica-se claramente o caminho intelectual trilhado pelo autor.

PALAVRAS FINAIS

Partindo do pressuposto de que não é possível desenvolver uma pesquisa científica sem um aporte teórico-metodológico pertinente e um

rigor no desenvolvimento metodológico, salienta-se a busca desse estágio de investigação nos programas pesquisados. Lamentavelmente, algumas produções, a minoria, ainda não detalham seu processo investigativo de modo a facilitar ao leitor o conhecimento de seu percurso intelectual no determinado estudo.

Observou-se, também, a emergência de novos tipos de pesquisa, como a colaborativa, ausente nos levantamentos anteriores e, apesar da influência da tecnologia na vida social, a utilização ainda acanhada de seus recursos.

Ao final deste texto, emerge a questão: Como se desvelam os resultados de todo o Centro-Oeste? Há peculiaridades nos dados do Triângulo? São respostas que o conjunto de pesquisadores da REDECENTRO busca nos programas parceiros.

QUALITATIVE APPROACH TO EDUCATIONAL RESEARCH: A REPORT ON PRODUCTION IN THE *TRIÂNGULO MINEIRO*

ABSTRACT: This article is part of the research activities in academic production on the teacher, drawn up by REDECENTRO. It sets out to present the types of research and procedures involved in dissertations defended from 2006 to 2007 in Post-Graduate Programs in Education at two universities in the *Triângulo Mineiro*. As it was restricted to research with a qualitative approach, it used authors, such as Chizzotti (2006; 2010), Weber (1989), Martins (1994) and Brandão (2003) as a theoretical background. Analysis sheets were used in order to determine what types of research and procedures predominated during the period in question. The results point to the predominance of research in this period of a qualitative nature and the convergence of theoretical-methodological references.

KEYWORDS: Teacher. Educational research. Qualitative Approach. Interinstitutional study.

ABORDAJE CUALITATIVA EN LA INVESTIGACIÓN EDUCACIONAL: UN RELATO SOBRE LAS PRODUCCIONES EN EL TRIÁNGULO MINERO, BRASIL

RESUMEN: Este artículo hace parte de las actividades de investigación y de la producción académica sobre el profesor, desarrolladas por la REDECENTRO. Su objetivo es demostrar los tipos y los procedimientos de investigación utilizados en las tesis sustentadas en el período entre 2006 y 2007 en los programas de Posgrado en Educación de dos universidades de la región del Triángulo Minero. Limitándose a discursar sobre las investigaciones con abordaje cualitativo, se buscó el aporte teórico de autores como Chizzotti (2006; 2010), Weber (1989), Martins (1994) y Brandão (2003). Se utilizaron fichas de análisis con el propósito de averiguar cuales fueron los tipos y los procedimientos de investigación que predominaron dentro del período analizado. Los

resultados apontam a uma predominância del abordaje cualitativo en la investigación del período selecionado y la convergencia de referenciales teoricometológicos.

PALABRAS CLAVES: Profesor. Investigación educacional. Abordaje cualitativo. Estudio interinstitucional.

REFERÊNCIAS

ABREU-BERNARDES, S. T.; COSTA, G. N. O. Temas estudados nas pesquisas sobre o professor. In: SOUZA, R. C. C. e MAGALHÃES, S. M. O. (Org.). *Pesquisas sobre professores(as): métodos, tipos de pesquisas, temas, ideário pedagógico e referenciais*. Goiânia: Editora da PUC - Goiás, 2011.

ABREU-BERNARDES, S. T.; COSTA, G. N. O.; MELO, J. A. P.; PRATA-LINHARES, M. M.; SILVA, S. H. M. A produção acadêmica sobre o professor na região Centro Oeste: temas e subtemas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO - Convergências e tensões no campo de formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, 17, 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, CD-Rom, p. 13-25.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. 2. Ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

BOGDAN, C. R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.

DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGALHÃES, S. M. O.; Souza, R. C. C. R. de; GUIMARÃES, V. S. O professor na literatura contemporânea – ausência ou presença alheada? In: REUNIÃO ANUAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO: NOVAS REGULARES?, 32, 2009, Caxambu, MG, 2009. *Anais...* Caxambu, MG, ANPEd, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT04-5507--Int.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2012.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e das aventuras dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. 2. ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOSCOVICI, S.. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VILELA, R. A. T. O lugar da abordagem qualitativa na pesquisa educacional: retrospectiva e tendências atuais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 431-466, jul./dez. 2003.

WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, C. (Org.). *Max Weber: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p. 79-127.

SUELI TERESINHA DE ABREU-BERNARDES é doutora em Educação; professora no Programa de Mestrado em Educação; coordenadora do Núcleo de Estudos sobre o Professor, a Arte e a Filosofia – NEPAFi na Universidade de Uberaba; Integrante da Rede de Pesquisadores sobre professores(as) na Região Centro-Oeste – REDECENTRO, e do Observatorio Internacional de la Profesión Docente da Universitat de Barcelona. Pesquisadora nas áreas de arte, filosofia, educação, cultura e metodologia da pesquisa.
E-mail: sueli.bernardes@uniube.br

FERNANDA TELLES MÁRQUES é antropóloga; doutora em Sociologia pela UNESP de Araraquara; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIUBE; membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e da Rede de Pesquisadores sobre professores(as) na Região Centro-Oeste – REDECENTRO.
E-mail: fernanda.marques@uniube.br

GUSTAVO ARAÚJO BATISTA é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); professor do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba; pesquisador da Rede de Pesquisas sobre professores(as) na Região Centro-Oeste – REDECENTRO.
E-mail: mrgugaster@gmail.com
